

A detailed marble bust of a philosopher, likely Aristotle, shown in profile. He has curly hair and a full beard, resting his chin on his hand in a classic pensive pose. The background is dark and textured.

Para que  
**FILOSOFIA?**

MARILENA CHAUI

# Sumário

---

Para que Filosofia? .....	2
Qual a utilidade da filosofia? .....	18

# Para que Filosofia?<sup>1</sup>

---

Havia, na Grécia antiga, na cidade de Delfos, um santuário dedicado ao deus Apolo, deus da luz, da razão, patrono da sabedoria. Sobre o portal de entrada estava gravada a mensagem do deus ou o principal oráculo de Apolo: *gnothi seauton*, conhece-te a ti mesmo.

Um ateniense, chamado Sócrates, foi ao santuário consultar a sibila, pois, em Atenas, muitos diziam que ele era um sábio e ele desejava saber o que era um sábio e se ele poderia ser chamado de sábio. Desejava uma mensagem (um oráculo) enviada pelo deus à sibila. Esta perguntou-lhe: “o que você sabe?”. Ele respondeu: “só sei que nada sei”. Ao que sibila lhe transmitiu o oráculo enviado por Apolo: “Sócrates é o mais sábio de todos os homens, pois é o único que sabe que não sabe”. Sócrates, como todos sabem, é o patrono da Filosofia.

Sócrates andava pelas ruas de Atenas perguntando aos atenienses: “o que é isso em que você acredita?”, “o que é isso que você está dizendo?”, “o que é isso que você está fazendo?”. Os atenienses achavam, por exemplo, que sabiam o que era a justiça, a coragem, a beleza. Sócrates lhes fazia perguntas de tal maneira que, embaraçados e confusos, chegavam à conclusão de que, afinal, não sabiam o que era aquilo em que acreditavam. E, em todas essas conversas, Sócrates sempre dizia a seus interlocutores: “Também não sei e por isso pergunto”. **Aceitar a própria ignorância e procurar superá-la: eis o nascimento da Filosofia.**

---

<sup>1</sup> Aula magna proferida pela escritora e filósofa brasileira Marilena de Souza Chauí, no webnário promovido pelo Instituto Conhecimento Liberta, em agosto de 2023.

A pergunta “o que é?” é a indagação sobre a realidade essencial e profunda de algo, para além das aparências e muitas vezes contra as aparências. Com essa pergunta, Sócrates levava os atenienses a descobrir a diferença entre parecer e ser, entre a mera crença ou opinião e a verdade.

Um discípulo de Sócrates, Platão, descreve o que considera início de filosofar. Essa descrição encontra-se numa obra platônica intitulada “*A república*” e chama-se “o mito da caverna”.

Imaginemos uma caverna separada do mundo exterior por um alto muro. Entre este e o chão da caverna há uma fresta por onde passa alguma luz externa, deixando a caverna na obscuridade quase completa. Desde seu nascimento, geração após geração, seres humanos ali estão acorrentados, sem poder mover a cabeça na direção da entrada, nem locomover-se até ela, forçados a olhar apenas a parede do fundo, vivendo sem nunca ter visto o mundo exterior nem a luz do Sol. No interior da caverna, há um fogo que ilumina vagamente o lugar sombrio e faz com que as coisas que se passam do lado de fora, acima do muro, sejam projetadas como sombras nas paredes do fundo da caverna. Do lado de fora, pessoas passam carregando nos ombros figuras ou imagens de homens, mulheres, animais cujas sombras também são projetadas na parede da caverna. Nunca tendo visto o mundo exterior, os prisioneiros julgam que as sombras de coisas e pessoas, os sons de suas falas são as próprias coisas externas, e que se os artefatos (as figuras e imagens que alguns transportam) são seres vivos que se movem e falam. Qual é, pois, a situação dos prisioneiros? Tomam sombras por realidade, tanto as sombras das coisas e

dos seres humanos exteriores como as sombras dos artefatos que carregam.

Um dos prisioneiros, inconformado com a condição em que se encontra, decide abandoná-la. Usando pedras, fabrica um instrumento com o qual quebra os grilhões. De início, move a cabeça, depois o corpo todo; a seguir, avança na direção da saída e escala o muro. Enfrentando as durezas de um caminho íngreme e difícil, sai da caverna. No primeiro instante, fica totalmente cego pela luminosidade do sol, com a qual seus olhos não estão acostumados. Enche-se de dor por causa dos movimentos que seu corpo realiza pela primeira vez e pelo ofuscamento de seus olhos sob a ação da luz externa. Sente-se dividido entre a incredulidade e o deslumbramento. Incredulidade, porque será obrigado a decidir onde se encontra a realidade; no que vê agora ou nas sombras em que sempre viveu. Deslumbramento (literalmente: ferido pela luz), porque seus olhos não conseguem ver com nitidez as coisas iluminadas. Seu primeiro impulso é retornar à caverna para livrar-se da dor e do espanto, atraído pela escuridão, que lhe parece mais acolhedora. Além disso, precisa aprender a ver e esse aprendizado é doloroso, fazendo-o desejar a caverna onde tudo lhe é familiar e conhecido.

Sentindo-se sem disposição para regressar à caverna por causa da rudeza do caminho, o prisioneiro permanece no exterior. Aos poucos, habitua-se à luz e começa a ver o mundo. Encanta-se, tem a felicidade de finalmente ver as próprias coisas, descobrindo que em sua prisão vira apenas sombras. Doravante, desejará ficar para sempre longe da caverna e lutará com todas as suas forças para jamais regressar a ela. No entanto, não pode evitar lastimar o destino dos outros prisioneiros e, por fim, toma a difícil decisão de regressar ao subter-

râneo sombrio para contar aos demais o que viu e convencê-lo a se libertar também.

Que lhe acontece nesse retorno? Os demais prisioneiros zombam dele, não acreditando em suas palavras e, se não conseguirem silenciá-lo com suas caçoadas, tentarão fazê-lo espancando-o e se mesmo assim ele teimar em afirmar o que viu e os convidar a sair da caverna, certamente acabarão por matá-lo. Mas, quem sabe, alguns poderão ouvi-lo e, contra a vontade dos demais, também decidir sair da caverna rumo à realidade?

**O que é a caverna? O mundo de aparências em que vivemos. Que são as sombras projetadas no fundo? As coisas que percebemos. Que são os grilhões e as correntes? Nossos preconceitos e opiniões, nossa crença de que o que estamos percebendo é a realidade. Quem é o prisioneiro que se liberta e sai da caverna? O filósofo. O que é a luz do sol? A luz da verdade. O que é o mundo iluminado pelo sol da verdade? A realidade. Qual o instrumento que liberta o prisioneiro rebelde e com o qual ele deseja libertar os outros prisioneiros? A filosofia, palavra composta de philia e sophía, isto é, amizade e sabedoria. Filosofia é a amizade ou o amor pelo saber.**

Nossa caverna é nossa vida costumeira na qual afirmamos, negamos, desejamos, aceitamos ou recusamos coisas, pessoas, situações. Fazemos perguntas como “que horas são?”, ou “que dia é hoje?”. Dizemos frases como “ele está sonhando”, ou “ela enlouqueceu”. Fazemos afirmações como “onde há fumaça, há

fogo”, ou “não saia na chuva para não se resfriar”. Avaliamos coisas e pessoas, dizendo, por exemplo, “esta música é mais bonita do que a outra” e “Maria está mais jovem do que Jussara”.

Numa disputa, quando os ânimos estão exaltados, um dos contendores pode gritar ao outro: “Mentiroso! Eu estava lá e não foi isso o que aconteceu”, e alguém, querendo acalmar os contendores, pode dizer: “Vamos pôr a cabeça no lugar, cada um seja bem objetivo e diga o que viu, porque assim todos poderão se entender”.

Também é comum ouvirmos dizer que quando o assunto é o amor não somos capazes de ver as coisas tais como elas são, que vemos o que ninguém vê e não vemos o que todo mundo está vendo. Dizem que somos “muito subjetivos”.

Quando pergunto “que horas são?” ou “que dia é hoje?”, minha expectativa é a de que alguém, tendo um relógio ou um calendário, me dê a resposta exata. Em que acredito quando faço a pergunta e aceito a resposta? Acredito que o tempo existe, que ele passa, pode ser medido em horas e dias, que o que já passou é diferente de agora e o que virá também há de ser diferente deste momento, que o passado pode ser lembrado ou esquecido, e o futuro desejado ou temido. Assim, uma simples pergunta contém, silenciosamente, várias crenças, isto é, coisas ou ideias em que acreditamos sem questionar, que aceitamos porque nos parecem evidentes ou porque nos ensinaram que são assim.

Quando digo “ele está sonhando” para me referir a alguém que está acordado e diz ou pensa alguma coisa que julgo impossível ou improvável, tenho igualmente muitas crenças silenciosas: acredito que sonhar é diferente de estar acordado, que, no sonho, o impossível e o improvável se apresentam

como possível e provável, e também que o sonho se relaciona com o irreal ou ilusório enquanto a vigília se relaciona com o que existe realmente. Acredito, portanto, que a realidade existe fora de mim, que posso percebê-la e conhecê-la tal como é, e por isso creio que sei diferenciar realidade e ilusão. A frase “ela enlouqueceu” contém essas mesmas crenças e mais uma: a de que sabemos diferenciar entre sanidade mental e loucura, que a sanidade mental se chama razão e que louca é a pessoa que perde a razão e inventa uma realidade apenas sua. Assim, ao acreditar que sei distinguir entre razão e loucura, acredito também que a razão se refere a uma realidade que é a mesma para todos, ainda que não gostemos das mesmas coisas ou nos relacionemos de maneiras diferentes com elas.

Quando alguém diz “onde há fumaça, há fogo” ou “não saia na chuva para não se resfriar”, afirma silenciosamente muitas crenças: acredita que existem relações de causa e efeito entre as coisas, que onde houver uma coisa certamente houve uma coisa para ela, ou que essa coisa é causa de alguma outra (o fogo é uma causa e a fumaça é o seu efeito, a chuva é a causa do resfriado ou o resfriado é o efeito da chuva). Acreditamos que a realidade é feita de causalidades, que as coisas, os fatos, as situações se encadeiam em relações de causa e efeito que podem ser conhecidas por nós e, até mesmo ser controladas por nós para o uso de nossa vida.

Quando dizemos que uma coisa é mais bonita ou mais feia do que a outra, ou que alguém está mais jovem do que um outro, acreditamos que as coisas, as pessoas, as situações, os fatos podem ser comparados e avaliados, julgados por sua qualidade (bonito, feio, bom, ruim, jovem, velho, engraçado, triste, limpo, sujo) ou por sua quantidade (muito, pouco, mais, menos, maior, menor, grande, pequeno, largo, estreito, compri-

do, curto). Julgamos, assim, que as qualidades e as quantidades existem, que podemos conhecê-las e usá-las em nossa vida.

Acreditamos que vemos as coisas nos lugares em que elas estão ou a partir do lugar em que estamos e que a percepção visual varia conforme as coisas estejam próximas ou distantes de nós. Isso significa que acreditamos que elas e nós ocupamos lugares e, portanto, cremos que o espaço existe, pode ser diferenciado (perto, longe, alto, baixo) e medido (comprimento, largura, altura).

Numa discussão, quando alguém chama o outro de mentiroso porque não estaria dizendo os fatos exatamente como aconteceram, está presente a nossa crença de que há diferença entre verdade e mentira. A primeira diz as coisas tais como são, enquanto a segunda faz exatamente o contrário, distorcendo a realidade. No entanto, consideramos a mentira diferente do sonho, da loucura e do erro porque o sonhador, o louco e o que erra se iludem involuntariamente, enquanto o mentiroso decide voluntariamente deformar a realidade e os fatos. Com isso, acreditamos que o erro e a mentira são falsidades, mas diferentes porque somente na mentira há a decisão de falsear. Ao diferenciarmos erro e mentira, considerando o primeiro uma ilusão ou um engano involuntário e a segunda uma decisão voluntária, manifestamos silenciosamente a crença de que somos seres dotados de vontade e que dela depende dizer a verdade ou a mentira.

Acreditamos, portanto, que as pessoas, porque possuem vontade, podem ser morais ou imorais, pois cremos que a vontade é o poder para escolher entre o bem e o mal. E sobretudo acreditamos que exercer tal poder é exercer a liberdade, pois acreditamos que somos livres porque escolhemos voluntariamente nossas ações, nossas ideias, nossos sentimentos.

Na discussão, quando uma terceira pessoa pede às outras duas para que sejam “objetivas”, ou quando falamos dos apaixonados como incapazes de ver as coisas como são ou como sendo “muito subjetivos”, também temos várias crenças silenciosas.

De fato, acreditamos que quando alguém quer defender muito intensamente um ponto de vista, uma preferência, uma opinião e é até capaz de brigar por isso, pode “perder a objetividade” e deixar-se guiar apenas pelos seus sentimentos e não pela realidade. Da mesma maneira, acreditamos que os apaixonados se tornam incapazes de ver as coisas como são, de ter uma “atitude objetiva” e que sua paixão os faz ficar “muito subjetivos”. Em que acreditamos? Acreditamos que ter objetividade é ter uma atitude imparcial que percebe e compreende as coisas tais como são verdadeiramente, enquanto a subjetividade é uma atitude parcial, pessoal, ditada por sentimentos variados (amor, ódio, medo, desejo). Assim, não só acreditamos que a objetividade e a subjetividade existem mas também que sabemos o que são.

Ao dizermos que alguém “é muito apreciado/a” porque tem os mesmos gostos, as mesmas ideias, respeita ou despreza as mesmas coisas que nós e tem atitudes, hábitos e costumes muito parecidos com os nossos, estamos, silenciosamente, acreditando que a vida com as outras pessoas - família, amigos, escola, trabalho, sociedade, política - nos faz semelhantes ou diferentes em decorrência de normas e valores morais, políticos, religiosos e artísticos, regras de conduta, finalidades de vida.

Ao considerarmos óbvio que todos os seres humanos seguem regras e normas de conduta, possuem valores morais, religiosos, políticos, artísticos, vivem na companhia de seus semelhantes e procuram distanciar-se dos diferentes dos quais discordam e com os quais entram em conflito, acreditamos que somos seres sociais, morais e racionais, pois regras, normas,

valores, finalidades só podem ser estabelecidos por seres conscientes e dotados de raciocínio.



**Como se pode notar, nossa vida cotidiana é toda feita de crenças silenciosas, da aceitação de coisas e ideias que nunca questionamos porque nos parecem naturais, óbvias. *E se não for bem assim?***

Creemos que nossa vontade é livre para escolher entre o bem e o mal. Creemos também na necessidade de obedecer às normas e às regras de nossa sociedade. Que acontece, porém, quando numa situação, nossa vontade nos indica que é bom fazer ou querer algo que nossa sociedade proíbe ou condena? Ou, ao contrário, quando nossa vontade julga que será um mal e uma injustiça querer ou fazer algo que nossa sociedade exige ou obriga? Ou seja, há momentos em nossas vidas em que vivemos um conflito entre o que nossa liberdade deseja e o que nossa sociedade determina e impõe.

Creemos na existência do tempo, isto é, num transcorrer que não depende de nós, e creemos que podemos medi-lo com instrumentos como o relógio e o cronômetro. No entanto, quando estamos à espera de alguma coisa muito desejada ou de alguém muito querido, o tempo parece não passar, a demora é longa, interminável; olhamos para o relógio e nele o tempo está passando, sem corresponder ao nosso sentimento de que está quase parado. Ao contrário, se estamos numa situação de muita satisfação o tempo voa, passa velozmente, ainda que o relógio mostre que se passaram várias horas.

Vemos que o sol nasce a leste e se põe a oeste, que sua presença é o dia e sua ausência é a noite. Nossos olhos nos

fazem acreditar que o Sol se move à volta da Terra e que esta permanece imóvel. No entanto, a astronomia demonstra que não é isso que acontece. A Terra é um planeta num sistema cuja estrela central se chama Sol, e ela, juntamente com outros planetas, é que se move à volta do Sol, num movimento de translação. Além desse movimento, ela ainda realiza um outro, o de rotação torno de seu eixo invisível. O movimento de translação explica a existência do ano e o de rotação explica a existência do dia e da noite. Assim, há uma contradição entre nossa crença na imobilidade da Terra e a informação astronômica sobre os movimentos terrestres.

Esses exemplos indicam que, por um lado, tudo parece certo e como tem que ser, e por outro, parece que tudo poderia estar errado ou ser ilusão. Temos a crença na liberdade, mas somos dominados pelas regras de nossa sociedade. Temos a experiência do tempo parado ou do tempo ligeiro, mas o relógio não comprova essa experiência. Temos a percepção do Sol e das estrelas em movimento à volta da Terra imóvel, mas a astronomia nos ensina o contrário.

**Esses conflitos entre várias de nossas crenças ou entre nossas crenças e um saber cientificamente estabelecido indicam a principal circunstância em que somos levados a mudar de atitude. Quando uma crença contradiz outra ou parece incompatível com outra, ou quando aquilo que sempre acreditamos é contrariado por uma outra forma de conhecimento, alguns de nós sentem-se impelidos a indagar qual é a origem, o sentido e a realidade de nossas crenças.**

É assim que o conflito entre minha vontade e as regras de minha sociedade me levam a colocar a seguinte questão: sou livre quando quero ou faço algo que contraria minha sociedade ou sou livre quando domino minha vontade e a obrigo a aceitar o que minha sociedade determina? No entanto, para responder a essa questão, precisamos enfrentar outras, mais profundas: o que é a liberdade? O que é a vontade? O que é a sociedade? O que são o bem e o mal, o justo e o injusto?



É assim também que as experiências do tempo lento e do tempo veloz e do tempo marcado pelo relógio nos leva a indagar: como é possível que haja duas realidades temporais diferentes, a marcada pelo relógio e a vivida por nós? Qual é o tempo real e verdadeiro? Mas para responder a essa pergunta, novamente, é preciso fazer uma pergunta mais profunda e indagar: o que é o tempo?

Da mesma maneira, a diferença entre nossa percepção da imobilidade da Terra e a mobilidade do Sol e o que ensina a astronomia leva-nos a perguntar: se não percebemos os movimentos da Terra e se nossos olhos se enganam tão profundamente, será que poderemos sempre confiar em nossa percepção visual ou deveremos sempre desconfiar dela? Será que perceberemos as coisas como realmente são? Mas, para responder a essas perguntas, precisamos fazer duas outras, mais profundas: o que é perceber? O que é realidade?



Essas perguntas mais profundas significam mudança de atitude, mudança que indica algo bastante preciso: quem não se contenta com as crenças ou opiniões pré-estabelecidas, quem percebe contradições e incompatibilidades entre elas, quem procura compreender o que elas são e por que são problemáticas está exprimindo um desejo, o desejo de saber. O que é o tempo? O que é o espaço? O que é uma causa? O que é a quantidade?

O que é a qualidade? O que é a objetividade? O que é a subjetividade? O que é o belo? O que é a verdade? O que é o falso? O que é o erro? O que é mentira? Quando existe verdade e por quê? Quando existe ilusão e por quê? O que é sentir? O que são o amor e o ódio? O que é o desejo? O que é a liberdade? O que é a razão? O que é a beleza? O que é saber? Essas indagações significam passar da atitude costumeira à atitude filosófica.

**Assim, uma primeira resposta à pergunta “Para que Filosofia?” poderia ser: a decisão de não aceitar como naturais, óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido. Em outras palavras, a filosofia surge quando os seres humanos começam a exigir provas e justificações racionais que validem ou invalidem as crenças e opiniões cotidianas.**

A primeira característica da atitude filosófica é negativa, isto é, um dizer não aos pré-conceitos, aos pré-juízos, aos fatos e às ideias da experiência cotidiana.

A segunda característica da atitude filosófica é positiva, isto é, uma interrogação sobre o que são as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os comportamentos, os valores, nós próprios. É também uma interrogação sobre o porquê e o som da realidade e de nós próprios. O que é? Por que é? Como é? Para que? Essas são as indagações fundamentais da atitude filosófica.

A face negativa e a face positiva da atitude filosófica constituem o que chamamos de atitude crítica. A palavra crítica

vem do grego e possui três sentidos principais: 1) capacidade para julgar, discernir e decidir corretamente; 2) exame racional de todas as coisas sem preconceito e sem pré-julgamentos; 3) atividade de examinar e avaliar detalhadamente uma ideia, um valor, um costume, um comportamento, uma obra artística ou científica.

A filosofia começa dizendo não às crenças e aos preconceitos para que possam ser avaliados racional e criticamente. Por isso começa dizendo que não sabemos o que imaginávamos saber ou, como dizia Sócrates, começamos a buscar o conhecimento quando somos capazes de dizer: “Só sei que nada sei”.

Em outras palavras, a Filosofia se inicia naquele instante em que a realidade natural (o mundo das coisas) e a realidade histórico-social (o mundo dos humanos) tornam-se enigmáticas e incompreensíveis, quando as opiniões estabelecidas disponíveis já não nos podem satisfazer exigindo a fundamentação das ideias, dos discursos e das práticas ou das ações.

A pergunta “Para que filosofia?” é interessante. Não ouvimos ninguém perguntar, por exemplo, para que matemática ou física? Para que geografia ou geologia? Para que história ou sociologia? Para que biologia ou psicologia? Para que astronomia ou química? Para que pintura, escultura, literatura, teatro, música ou dança? Mas parece muito natural perguntar: para que filosofia?

**Em geral, essa pergunta costuma receber uma resposta irônica muito conhecida: “A Filosofia é uma ciência com a qual e sem a qual o mundo permanece tal e qual”. Ou seja, a Filosofia não serve para coisa alguma. No entanto, essa pergunta tem**

a sua razão de ser, uma vez que nossa sociedade considera que alguma coisa só tem o direito de existir se tiver alguma finalidade prática muito visível e de utilidade imediata, que traga poder, prestígio, riqueza, lucro e fama. Eis porque ninguém pergunta para que as ciências, pois todo mundo imagina ver a utilidade das ciências nos produtos da técnica, isto é, na aplicação dos conhecimentos científicos. Todo mundo também imagina ver a utilidade das artes, tanto por causa da compra e venda das obras de arte (tidas como mais importantes quanto mais altos forem seus preços no mercado), como porque nossa sociedade vê os artistas como gênios que merecem ser valorizados para o elogio da humanidade (ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, nossa sociedade é capaz de rejeitá-los e maltratá-los se suas obras forem verdadeiramente revolucionárias e inovadoras, pois, nesses casos, não são “úteis” para o estabelecimento). Diante disso, compreende-se que não se vê para que serviria a Filosofia.

Ora, ao contrário do senso comum, as ciências reconhecem que suas bases são filosóficas. De fato, as ciências partem da admissão da existência da verdade, da necessidade de procedimentos corretos para bem usar o pensamento e, sobretudo, confiam na racionalidade dos conhecimentos, isto é, que são válidos não só porque explicam os fatos, mas também porque podem ser corrigidos e aperfeiçoados. Verdade, pensamento racional, procedimentos especiais para conhecer fatos, aplicação prática de conhecimentos teóricos, correção e acúmulo de

saberes: esses objetivos e propósitos das ciências não são científicos, são filosóficos e dependem de questões filosóficas.

Para dar alguma utilidade à Filosofia, muitos consideram que é preciso determinar claramente o uso que se pode fazer dela, considerando por isso que a serventia da Filosofia não se encontra nos conhecimentos (que ficam por conta da ciência), nem nas aplicações práticas de teorias (que ficam por conta da tecnologia), mas nos ensinamentos morais ou éticos. A filosofia seria a arte do bem-viver ou da vida correta e virtuosa. Estudando as paixões e os vícios humanos, a liberdade e a vontade, analisando a capacidade de nossa razão para impor limites aos nossos desejos e paixões, ensinando-nos a viver de modo honesto e justo na companhia dos outros.

Essas definições da Filosofia não vão muito longe, pois mesmo para ser uma arte moral ou ética, ou uma arte do bem-viver, a Filosofia continua fazendo suas perguntas desconcertantes e embaraçosas: O que é o ser humano? O que é a vontade? O que é a paixão? O que é a razão? O que é o vício? O que é a virtude? O que é a liberdade? Como nos tornamos livres, racionais e virtuosos? Por que a liberdade e a virtude são valores para os seus humanos? O que é um valor?

Em outras palavras, a atitude filosófica possui algumas características que são as mesmas, independente do conteúdo investigado. Essas características são:

- Perguntar o que é (uma coisa, um valor, uma ideia, um comportamento). Ou seja, qual é a realidade e qual é a significação de algo;
- Perguntar como é (uma coisa, uma ideia, um valor, um comportamento). Ou seja, como é a estrutura ou o sistema de relações que constitui a realidade de algo;

- Perguntar por que é (uma coisa, uma ideia, um valor, um comportamento). Ou seja, por que algo existe, qual é a origem ou a causa de uma coisa, de uma ideia, de um valor, de um comportamento.
- Perguntar para que ou para quem (uma coisa, uma ideia, um valor, um comportamento). Ou seja, qual a finalidade de uma coisa, de uma ideia, de um valor, de um comportamento, de uma ação.

A atitude filosófica inicia-se dirigindo essas indagações ao mundo que nos rodeia e às relações que mantemos com ele. Pouco a pouco, descobre que essas questões pressupõem a figura daquele que interroga e que elas exigem que seja explicada a tendência do ser humano a interrogar o mundo e a si mesmo com o desejo de conhecê-lo e conhecer-se. Em outras palavras, é preciso pensar sobre nossa capacidade de pensar.

Por isso, pouco a pouco, as perguntas da Filosofia se dirigem ao próprio pensamento: o que é pensar, como é pensar, por que há o pensar? A filosofia torna-se, então, o pensamento interrogando-se a si mesmo. Por ser uma volta que o pensamento realiza sobre si mesmo, a Filosofia realiza uma reflexão, isto é, o movimento pelo qual o pensamento, examinando o que é pensado por ele, volta-se para si mesmo interrogando a si mesmo ou pensando-se a si mesmo, indo à raiz do pensamento, num movimento para conhecer como é possível o próprio pensamento.

Não somos, porém, somente pensantes. Somos também seres que agem no mundo, que se relacionam com os outros seres humanos, com os animais, com as plantas, as águas e os ares, as coisas, os fatos e acontecimentos, e exprimimos essas relações tanto por meio da linguagem e dos gestos como por meio das ações, comportamentos e condutas.

Assim, a reflexão filosófica se realiza em torno de três grandes conjuntos de perguntas ou questões:

1. Por que pensamos o que pensamos, dizemos o que dizemos e fazemos o que fazemos? Isto é, quais os *motivos*, as *razões* e as *causas* para pensarmos o que pensamos, dizermos o que dizemos, fazermos o que fazemos?
2. O que queremos pensar quando pensamos, o que queremos dizer quando falamos, o que queremos fazer quando agimos? Isto é, qual é o conteúdo ou o sentido do que pensamos, dizemos ou fazemos?
3. Para que pensamos o que pensamos, dizemos o que dizemos, fazemos o que fazemos? Isto é, qual é a *intenção* ou a *finalidade* de que pensamos, dizemos e fazemos?

Essas três questões têm como objetivos de indagação o pensamento, a linguagem e a ação e que podem ser resumidas em: o que é pensar, falar e agir? E elas pressupõem a seguinte pergunta: o que pensamos, dizemos e fazemos em nossas crenças cotidianas constitui ou não um pensamento verdadeiro, uma linguagem coerente e uma ação dotada de sentido?

**As questões ou indagações filosóficas se referem à essência (o que é?), à significação ou à estrutura (como é?), à origem (por que é?) e a finalidade (para que ou para quem é?) de todas as coisas e dos seres humanos. É um saber não apenas sobre a interioridade do pensamento (o sujeito pensante), mas também sobre a realidade exterior ao pensamento (o objeto pensado).**

Assim, a reflexão filosófica indaga: por quê? o quê? para quê? dirigindo-se ao pensamento, à linguagem e à ação, ou seja, volta-se para os seres humanos. São perguntas sobre a capacidade e a finalidade para conhecer, falar e agir, próprias dos seres humanos. É um saber sobre o ser humano como pensante, falante e agente, ou seja, sobre a realidade interior aos seres humanos (o sujeito pensante, falante e agente).

As indagações filosóficas se realizam de modo sistemático. A palavra *sistema* vem do grego, significando um todo cujas partes estão ligadas por ligações de concordância interna. No caso do pensamento, significa um conjunto de ideias internamente articuladas e relacionadas, graças a princípios universais e necessários ou regras e normas de argumentação e demonstração ordenadas e relacionadas num todo coerente.

Dizer que as indagações filosóficas são sistemáticas significa dizer que a Filosofia trabalha com enunciados precisos e rigorosos, busca encadeamentos lógicos entre os enunciados, opera com conceitos ou ideias obtidos por procedimentos de demonstração e prova, exige a fundamentação racional do que é enunciado e pensado. Somente assim a reflexão filosófica pode fazer com que nossa experiência cotidiana, nossa crenças e opiniões alcancem uma visão crítica de si mesmas e possam ser ultrapassadas.

O conhecimento filosófico é um trabalho intelectual sistemático porque não se contenta em obter respostas para as questões colocadas, mas exige que as próprias questões sejam válidas e também exige que as respostas sejam verdadeiras, estejam relacionadas entre si, esclareçam umas às outras, formem conjuntos coerentes de ideias e significações, sejam

provadas e demonstradas racionalmente. Filosofia em uma vocação para compreender como se relacionam, se conectam e se encadeiam num todo racionalmente compreensível as coisas e os fatos que aparecem de modo fragmentado e desconexo em nossa experiência cotidiana.



A filosofia é a fundamentação teórica e crítica dos conhecimentos e das práticas.

*Fundamento* é uma palavra que vem do latim e significa uma base sólida ou o alicerce sobre o qual se pode construir com segurança do ponto de vista do conhecimento, significa base ou o princípio racional que sustenta uma demonstração verdadeira. Sob uma perspectiva, fundamentar significa: encontrar, definir e estabelecer racionalmente os princípios, as causas e condições que determinam a existência, a forma e os comportamentos de alguma coisa, bem como as leis ou regras de suas mudanças.

*Teoria* vem do grego, *theoría*, no qual significa: contemplar uma verdade com os olhos do espírito, isto é, uma atividade puramente intelectual do conhecimento. Sob esta perspectiva, uma fundamentação teórica significa determinar pelo pensamento, de maneira organizada e sistemática o conjunto de princípios, causas e condições de alguma coisa (de sua existência, de seu comportamento, de seu sentido e de suas mudanças).



Como vimos há pouco, crítica também é uma palavra grega, significando a capacidade para julgar, discernir e decidir corretamente; o exame racional de todas coisas sem preconceito e sem pré-julgamento e a atividade de examinar e avaliar detalhadamente uma ideia, um valor, um costume, um comportamento, uma obra artística ou científica. Sob esta perspectiva, fundamentação crítica significa examinar, avaliar e julgar



racionalmente os princípios, as causas e condições de alguma coisa (de sua existência, de seu comportamento, de seu sentido e de suas mudanças e finalidades).

**Como fundamentação teórica e crítica, a Filosofia ocupa-se com os princípios, as causas e condições do conhecimento que pretenda ser racional e verdadeiro; com a origem, a forma e o conteúdo dos valores éticos, políticos, religiosos, artísticos, científicos e culturais; com a compreensão das causas e das formas da ilusão e do preconceito no plano individual e coletivo; com os princípios, causas e condições das transformações históricas dos conceitos, das ideias, dos valores e das práticas humanas.**

Assim, essa definição nos explica que a Filosofia volta-se para o estudo de várias formas de conhecimento (percepção, imaginação, memória, linguagem, inteligência, experiência, reflexão), e de vários tipos de atividades interiores e comportamentos externos dos seres humanos enquanto expressões da vontade, do desejo e das paixões, procurando descrever as formas e os conteúdos dessas formas de conhecimento e desses tipos de atividade e comportamento como relação do ser humano com o mundo, consigo mesmo e com os outros.

Para realizar seu trabalho, a Filosofia investiga e interpreta o significado de ideias gerais como: realidade, mundo, natureza, cultura, história, verdade, falsidade, humanidade, temporalidade, especialidade, qualidade, quantidade, subjetividade, objetividade, diferença, repetição, semelhança, conflito, contradição, mudança, necessidade, possibilidade, probabilidade, etc.

A Filosofia não é ciência: é uma reflexão sobre os fundamentos da ciência, isto é, sobre os procedimentos e conceitos científicos. Não é religião: é uma reflexão sobre os fundamentos da religião, isto é, sobre as causas, origens e formas das crenças religiosas. Não é arte: é uma reflexão sobre os fundamentos da arte, isto é, sobre os conteúdos, as formas, as significações das obras de arte e do trabalho artístico. Não é sociologia nem psicologia, mas a interpretação e avaliação dos conceitos e métodos da sociologia e da psicologia. Não é moral, mas uma reflexão sobre a origem, o sentido e as mudanças dos valores éticos. Não é política, mas interpretação, compreensão e reflexão sobre a origem, a natureza e as formas do poder e suas mudanças. Não é história, mas reflexão sobre o sentido dos acontecimentos enquanto inseridos no tempo e compreensão do que seja o próprio tempo.

# Qual a utilidade da filosofia?

Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum for útil, se não se deixar guiar pela submissão às ideias dominantes e aos poderes estabelecidos for útil; se buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática ética e política que desejam a liberdade e a felicidade para todos for útil, então podemos dizer que a Filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes.

1. A ideia de que o conhecimento verdadeiro deve encontrar as leis e os princípios universais e necessários do objeto conhecido e deve demonstrar sua verdade por meio de provas ou argumentos racionais. Ou seja, em primeiro lugar, a ideia de que um conhecimento não é algo que alguém impõe a outros e sim algo que deve ser compreendido por todos, graças a argumentos, debates e provas racionais, pois a razão ou a capacidade de pensar e conhecer é a mesma em todos os seres humanos; e, em segundo lugar, a ideia de que o conhecimento só é verdadeiro quando explica racionalmente o que é a coisa conhecida, como ela é e por que ela é.
2. A ideia de que a Natureza segue uma ordem necessária e não casual ou acidental. Ou seja, opera segundo leis e princípios necessários - isto é, não poderiam ser outros ou diferentes do que são - e universais - isto é, são os



mesmos em toda a parte e em todos os tempos. Essas leis e esses princípios podem ser plenamente conhecidas pelo nosso pensamento, isto é, não são conhecimentos misteriosos e secretos, que precisam ser revelados por divindades, mas conhecimentos que o pensamento humano, por sua própria força e capacidade, pode alcançar.

3. A ideia de que a razão ou o nosso pensamento também opera obedecendo a princípios, leis, regras e normas universais e necessários, com os quais podemos distinguir o verdadeiro e o falso. Em outras palavras, nosso pensamento é coerente e capaz de conhecer a realidade porque segue leis lógicas de funcionamento, estabelecendo princípios necessários e universais para a distinção entre afirmação e negação, entre identidade, diferença, contradição e alternativa. Identidade, diferença, contradição e alternativa são princípios fundadores do pensamento.
4. A ideia de que as práticas humanas, isto é, a ação moral, a política, as técnicas e as artes dependem da deliberação, da discussão e de uma escolha que pode ser emocional ou racional, realizando-se segundo certos valores e padrões, que foram estabelecidos seja pela Natureza, seja pelos próprios seres humanos e não por imposições misteriosas e incompreensíveis, que lhes teriam sido feitas por forças secretas, invisíveis, divinas e impossíveis de serem conhecidas. Em outras palavras, o agir humano exprime a conduta de um ser racional dotado de razão e liberdade.
5. A ideia de que os acontecimentos naturais e humanos são necessários, porque obedecem a leis (naturais ou da natureza humana) não excluir a compreensão de que esses acontecimentos, em certas circunstâncias e sob certas condições, também podem ser acidentais, seja porque um

concurso de circunstâncias os faz ocorrer por acaso na Natureza, seja porque as ações humanas dependem das escolhas e deliberações dos homens, em condições determinadas. A situação das ações humanas é diversa da situação da natureza porque no nosso caso existe deliberação. É verdade que é por uma lei necessária da Natureza que os corpos pesados caem, mas é por uma deliberação humana que se fabrica uma bomba e se faz com que despenque sobre Hiroshima e Nagasaki. Essa escolha faz com que a ação humana introduza o possível no mundo, pois o possível é o que pode acontecer ou deixar de acontecer, dependendo de uma escolha humana voluntária e livre.

Um dos legados mais importantes da Filosofia grega é, portanto, a diferença entre o necessário (o que é tal como é e não pode ser senão como é) e o contingente (o que pode ser ou não ser, o que pode ou não acontecer), bem como a diferença, no interior do contingente, entre o acaso e o possível. Em outras palavras, os filósofos gregos nos deixaram a ideia de que podemos diferenciar entre o necessário, o contingente e o possível em nossas ações: o necessário é o que não está em nosso poder escolher, pois acontece e acontecerá sempre, independente de nossa vontade (não depende de nós que o sol brilhe, que haja dia e noite, que a matéria se transforme em energia quando sua velocidade é o quadrado da velocidade da luz); o contingente, é o que também não está em nosso poder escolher (não escolho que aconteça uma tempestade justamente

quando estou fazendo uma viagem de navio ou de avião, nem escolho estar num veículo que será destruído por um outro, dirigido por um motorista embriagado); o possível, ao contrário do necessário e do contingente, é exatamente o que temos poder de escolher e fazer, é o que está em nosso poder.

6. A Ideia de que os seres humanos naturalmente aspiram ao conhecimento verdadeiro (pois são seres racionais), à justiça (pois são seres dotados de vontade livre) e à felicidade (pois são seres dotados de emoções e desejos), isto é, que os seres humanos não precisam viver nem agir cegamente, nem ser comandados por forças extra-naturais secretas e misteriosas, mas são capazes de conhecer e enfrentar as condições existentes e instituir por si mesmos regras e valores pelos quais dão sentido às suas vidas e às suas ações.



Espero ter respondido à pergunta: Para que Filosofia?